

EP15 – Passeio fotográfico pela paisagem linguística com crianças e suas famílias

Ana Almenar, fotógrafa uruguaia, fala sobre a sua experiência explorando paisagens linguísticas com crianças e famílias (entrevistada por Raquel Carinhas)

Raquel: [00:00:01] Bem, com a Ana realizamos um projeto com uma rede entre escolas, famílias e museus aqui em Montevideu, no Uruguai, um projeto plurilingue onde implementamos um conjunto de atividades na escola, em museus, visitas a museus, workshops em museus e passeios pelas ruas de um bairro que é a Ciudad Vieja, que é o bairro histórico de Montevideu. E nesta rede esteve a Ana Almenar, que é fotógrafa e gostaria que explicasses um pouco por que te interessaste por este projeto sobre um tema como o plurilinguismo e como viste o teu papel dentro dessa [rede] e a tua participação neste projeto.

Ana: [00:01:10] Bem, o meu nome é Ana, como disseste, e a minha experiência com este projeto foi um pouco estranha. Quando me juntei ao projeto, fui através de uma proposta do museu. O museu participava nesta rede e convidaram-me para essa reunião se quisesse participar e fui à reunião sem saber muito sobre de onde vinha o projeto. E quando comecei a ouvir e a entender mais ou menos a ideia do que queríamos fazer, adorei o que foi proposto a partir do local onde o projeto ia ser realizado, que é uma escola onde a maioria dos alunos são migrantes. Depois desse encontro reunimos muitas vezes para propor diferentes atividades com os museus, com a família e com os pequenitos. E para mim foi um projeto super enriquecedor e que ultrapassou tudo o que imaginei e trabalhei de uma forma muito enriquecedora também para toda a comunidade.

Raquel: [00:02:30] E uma daquelas atividades que fizemos foi precisamente as paisagens linguísticas e na altura nem eu, que sou da área do plurilinguismo, tinha entrado muito nisso, nesse tema, mas curiosamente foste tu como fotógrafa quem propôs essa atividade. Por que tiveste a ideia? O que o te levou a essa ideia? Outras experiências anteriores?

Ana: [00:03:03] É principalmente porque o visual está em tudo o que nos rodeia, a toda a hora. Ou seja, para além do facto de estarmos muito ligados a diferentes dispositivos ou meios de comunicação e, assim por diante, nos locais em que habitamos, tudo é visual. Depois há também este sair com um grupo para ver aquele território pelo qual viajam todos os dias, que é do tipo de casa à escola. Que caminho fazem? Com o que se identificam pelo caminho a nível visual? E é também um bairro que, como disseste, é um bairro histórico que recebe muitos turistas e que nos cartazes, nos próprios cartazes, em todo o lado é muito multilingue e também, ainda mais, porque é um bairro onde há muitos migrantes. Então não é só as línguas, que é a primeira coisa em que se pensa ou nota. Se num bairro que recebe muito turismo é preciso ter [línguas], mas bem, de onde vêm? Do Brasil. Portanto, há muita sinalização e muitas coisas em diferentes línguas, mas também se ouvem e reconhecem diferentes sotaques dentro do bairro. Então, bem, foi como surgiu mais do que tudo a partir disso, que todo o tempo estamos rodeados de imagens e coisas para reconhecer e bem, e também olhar e prestar atenção ao olhar dos pequenos, o que lhes interessa, o que eles vêem, o que eles reconhecem, o que os atrai, o que fazem e o que não fazem, e também do lugar onde estão. Ou seja, a altura não é a mesma, quando se pensa em crianças de 10, 11 e 12 anos. Ou seja, concentram-se noutras coisas e também nos próprios interesses. É um lugar que também tem artes de rua ou arte urbana. Então isso também faz parte da paisagem, aquela linguística em que habitam mais do que tudo.

Raquel: [00:05:25] É isto, eu lembro-me que quando começámos a pensar um pouco sobre como vamos desenvolver esta caminhada fotográfica, propuseste algumas experiências que fizemos na escola com os pequenitos. Podes dizer-nos como é que foi esse tipo de workshop que fizeste mais ligado à própria fotografia?

Ana: [00:05:50] Sim, bem, fizemos um...

Raquel: [00:05:53] Um workshop.

Ana: [00:05:54] Foi um workshop em que bem, mais do que tudo era para dizer às crianças qual era a dinâmica da saída, porque era também fora do horário escolar, com as famílias, e sentimos que tínhamos de ter uma preparação para esse dia. Vamos focar-nos em tirar imagens do bairro, não? Mas antes disso era muito importante, porque, hoje em dia, também, e mais as crianças que são como crianças da tecnologia,

hoje em dia, é como se estivessem habituadas a tirar muitas fotos a toda a hora, milhares de fotografias e intermináveis. Capaz de, sem pensar tanto no que estão a fazer ou porque é que estão a escolher isso. E depois, bem, fizemos um mini-workshop sobre o básico de fotografia para eles fazerem nesse momento e também para partilhar com as famílias. Era como se o outro objetivo desse workshop fosse o facto de terem algum conhecimento de que no momento de fazer a saída podiam comunicar e que a família também aprende, mas de outro lugar, do lugar dos pequenitos, transmitindo o conhecimento aos adultos.

Raquel: [00:07:21] E a experiência em si, como os trilhos, que a pé fizemos num sábado com a família, as crianças.

Ana: [00:07:30] Para mim foi lindo. É bonito partilhar fora de uma questão curricular como e onde é que os pequenos estão habituados a ir. Têm um horário com diferentes dinâmicas na aula, e assim por diante, e sair e fazê-lo um dia acompanhados pela família também que ia acompanhá-los... E como são essas dinâmicas que ocorrem entre as próprias crianças e as famílias? E foi uma experiência super agradável e também muito enriquecedora disto, de tudo o que falámos com os miúdos, do bem, de ter, de eu tirar uma foto disto, de onde vem, de ver com diferentes olhares, como eles resolveram muitas questões de que tínhamos falado no workshop, como isso foi posto em prática nessa saída também.

Raquel: [00:08:32] E tu que podias ver as fotos que estas famílias tiraram. Que impressão te dá da Ciudad Vieja?

Ana: [00:08:43] Bem, o olhar. O olhar dos mais pequenos foi incrível, de coisas que encontraram ou que já tinham registado antes e que tiveram a oportunidade de ir e capturar aquela imagem como super interessante, como muito interessante. Em que estavam interessados? Porque os detalhes, como muito, muita fotografia na arte urbana que eu achei incrível que os pequenitos reconheceram isso e eu acho que transcenderam um pouco mais da premissa, que era como ver o multilinguismo na vizinhança, mas também o fizeram, isto é, se todas aquelas fotografias se juntassem, era possível fazer um passeio visual a partir da sua experiência naquela caminhada.

Raquel: [00:09:43] E além das paisagens linguísticas, a fotografia em si. Que possibilidades ou potencial vêm na fotografia? Para [fomentar] um pouco este reconhecimento e interação com isso, com o espaço que habitamos e que atravessamos, como disseste, todos os dias.

Ana: [00:10:07] Bem, acho que a linguagem visual de hoje é uma das mais fortes de sempre e que todos comunicamos a partir de imagens, fotografias, cartazes. Ou seja, o visual está muito presente e acho que a fotografia tem muito a ver com o plurilinguismo, porque, porque cada um, isto é, na fotografia é um ponto de vista. O ponto de vista é de onde estou a olhar. Então podemos fotografar o mesmo cenário, o mesmo lugar ou a mesma pessoa. Mas cada um de nós que fotografa vai ter o seu próprio olhar sobre isso, vai ter um certo enquadramento, isto é, vai ter o seu próprio ponto de vista, e é também um olhar para a diversidade. Então, parece-me que a fotografia e o plurilinguismo têm muitas coisas em comum.

Raquel: [00:11:08] Obrigada, Ana!